



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

JOANE DESIRÉE BERTI BOAMORTE

**ASPECTOS PSICOSSOCIAIS RELACIONADOS À COMPULSÃO ALIMENTAR EM
CONTEXTO DE PANDEMIA DE COVID-19**

Palhoça

2021

JOANE DESIRÉE BERTI BOAMORTE

**ASPECTOS PSICOSSOCIAIS RELACIONADOS À COMPULSÃO ALIMENTAR EM
CONTEXTO DE PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Psicologia da Universidade do Sul
de Santa Catarina como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr^a. Alessandra d'Avila Scherer

Palhoça

2021

“A Pandemia... Um agente caótico que desestabiliza o cotidiano, espaço e tempo, provocando sentimento de insegurança, desamparo e medo” (Vertzman, 2020).

RESUMO

O presente estudo de natureza qualitativa, descritiva e exploratória tem como objetivo identificar fatores psicológicos e socioambientais que estão relacionados com o Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica no contexto de pandemia de COVID-19. Para evidenciar tais fatores, foram realizadas entrevistas de natureza semiestruturada com 4 (quatro) participantes brasileiras, em que se investigou questões acerca da infância, diagnóstico, relações interpessoais, relações familiares, possíveis gatilhos para o comer emocional e compulsivo, e os impactos da pandemia na rotina diária. A análise dos dados foi realizada pela técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontaram que em todos os casos as questões familiares apresentaram-se como elemento de estresse potencial, seguido de ansiedade e depressão, e, situações de ócio/tédio, desorganização na rotina, sentimentos de inadequação e incompetência relacionados à baixa autoestima. O uso de fármacos psicoativos e consumo de álcool, também foram evidenciados. Concluiu-se que os fatores psicológicos já presentes em pessoas com o diagnóstico de TCAP podem ser agravados no contexto pandêmico pelo constante estímulo aos gatilhos emocionais presentes na rede de relacionamentos interpessoais, mudanças na rotina e constante contato com o alimento.

Palavras-chave: Compulsão Alimentar. Estresse. Pandemia.

ABSTRACT

This qualitative, descriptive and exploratory study aims to identify psychological and socio-environmental factors that are related to Binge Eating Disorder in the context of the COVID-19 pandemic. To highlight these factors, semi-structured interviews were carried out with 4 (four) Brazilian participants, in which questions about childhood, diagnosis, interpersonal relationships, family relationships, possible triggers for emotional and compulsive eating, and the impacts of the pandemic were investigated. in the daily routine. Data analysis was performed using the content analysis technique. The results showed that in all cases, family issues appeared as an element of potential stress, followed by anxiety and depression, and situations of idleness/boredom, disorganization in the routine, feelings of inadequacy and incompetence related to low self-esteem. The use of psychoactive drugs and alcohol consumption were also evidenced. It was concluded that the psychological factors already present in people diagnosed with BED can be aggravated in the pandemic context by the constant stimulus to emotional triggers present in the network of interpersonal relationships, changes in routine and constant contact with food.

Keywords: Binge Eating. Stress. COVID-19 Pandemic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVO GERAL	13
2.1 Objetivos específicos.....	13
3. REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 Compulsão Alimentar x Excesso Alimentar	14
3.2 Compulsão Alimentar x Fatores Socioculturais	16
3.3 Compulsão Alimentar x Fatores Psicológicos.....	17
3.4 Compulsão Alimentar x Pandemia COVID-19.....	18
4. MÉTODO	20
4.1 Classificação.....	20
4.2 Participantes.....	20
4.3 Procedimento de coleta de dados.....	21
4.4 Técnica para coleta de dados	22
4.5 Organização, tratamento e análise de dados.....	22
4.6 Aspectos éticos.....	23
4.7 Orçamento.....	23
4.8 Cronograma.....	23
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS.....	24
5.1 Aspectos psicológicos que influenciam no comer compulsivo durante a pandemia de covid-19.....	24
5.2 Aspectos socioambientais que influenciam no comer compulsivo durante a pandemia de covid-19.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
<u>REFERÊNCIAS.....</u>	<u>34</u>
<u>APÊNDICES.....</u>	<u>35</u>

1 INTRODUÇÃO

A COVID-19 (SARS-CoV-2) foi notificada à Organização Mundial da Saúde (OMS) no final de 2019, pela cidade de Wuhan, na China. Essa notificação se deu por conta da rápida disseminação de uma nova variante do vírus SARS, que promove em sua semelhança, os mesmos sintomas da pneumonia (Aquino & Estela et al, 2020). Diante disso, por conta do descontrole na disseminação, que atingiu em pouco tempo mais de 114 nações no ano de 2020, o então Diretor-Geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de Pandemia Global em 12 de março do mesmo ano.

Segundo Freitas, Napimoga e Donalisio (2020), em uma análise sobre a gravidade da pandemia de COVID-19, as implicações pela doença dependem de fatores, tais como resposta imunológica do indivíduo infectado, suporte e agilidade no diagnóstico para acompanhamento das funções respiratórias e da garantia de uma vaga nas instituições hospitalares. Sem uma proposta de tratamento adequada e almejando evitar o colapso da saúde pública e privada, o distanciamento social representa a estratégia atual para a contenção do contágio pelo vírus, que consiste, segundo Aquino et al (2020), em uma medida que prevê a separação de indivíduos que ainda não tiveram contato com a doença, daqueles que já foram infectados. E ainda no que se refere a tal estratégia, segundo Silva et al (2020), a dinâmica abre um leque para estudos de fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social, e sobre os impactos dessa ação na saúde física e mental dos indivíduos.

Os aspectos relacionados ao contexto de pandemia que estão sendo debatidos nesta pesquisa, podem ser relacionados ao crescente nível de estresse decorrente do isolamento social, junto aos mecanismos de regulação de necessidades fisiológicas e psicológicas por parte dos indivíduos, podendo esses fatores serem descritos como fatores psicossociais. Segundo estudos de Paiva (2013), a definição do termo psicossocial está associada a um adjetivo que reúne a dialogicidade entre a palavra psicológico e social, uma dimensão que não se caracteriza exclusivamente do indivíduo, nem exclusivamente do seu meio, mas sim, da interação entre ambos.

Para alinhar a concepção dialógica mencionada, faz-se necessário parafrasear o conceito de estresse, recorrendo aos estudos da psiquiatria de Freitas (1985). A partir destes, entende-se o estresse como uma resposta estereotipada para demandas de adaptação, ou seja, reações do corpo à situações que precisam de enfrentamento e desencadeiam estados de desconforto

sucessivos. Tais respostas acabam intervindo nos aspectos orgânicos e fisiológicos do corpo, e movimentam ações constantes de “lutar” ou “fugir”, diante da instabilidade do contexto.

Nesse sentido, pode-se dizer que o sofrimento psíquico em período de pandemia, manifesta-se nessa definição dialógica entre contexto social/ambiental e fatores psicológicos. A experiência da desorientação se estabelece a partir do momento em que a sociedade enfrenta uma ameaça cujo prelúdio é de total desconhecimento, caindo em um abismo de possibilidades. Esse agente caótico desestabiliza o cotidiano, espaço e tempo, provocando sentimento de insegurança, desamparo e medo (Vertzman, 2020, apud Birman, 2014).

Diante da definição dos fenômenos psíquicos que são evidenciados no contexto caótico de contágio pela COVID-19, a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2020) emitiu uma Cartilha para Gestores da Atenção Básica de Saúde, sobre a atenção com a saúde mental da população em tempos de pandemia. A cartilha apesar de direcionada como um material informativo para um público específico, também se mostra de grande relevância epidemiológica para pesquisadores do tema, pois evidencia em primeiro momento que algumas respostas ao estresse são esperadas em um grau de normalidade, considerando a situação atípica, mas que o crescente estímulo às respostas de estresses pode acarretar em um aumento de transtornos mentais entre um terço e metade da população (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, Ministério da Saúde, 2020)

Em relação a esses índices, estudos de Enumo et al (2020) relacionam que os indicadores mais comuns em situações de estresse, são de ordem física, emocional e comportamental, sendo que esses indicativos incluem distúrbios do sono, dores de cabeça, problemas gastrointestinais, exaustão, nervosismo, e ainda, sentimentos de raiva, culpa, tristeza e transtornos mentais relacionados à alimentação. O indicador que se refere a alimentação como uma consequência/resposta desse fenômeno pode ser relacionado com o comer emocional, que, segundo Azevedo, Santos e Fonseca (2003) está relacionado com o estímulo do hormônio cortisol, produzido e liberado em situações estressantes, que acabam por estimular a ingestão de mais alimentos. Aliado a isso, os autores ainda trazem o conceito da predisposição no aumento da capacidade gástrica de indivíduos, justificando a incidência da compulsão alimentar em pessoas obesas, pois a ampliação da capacidade estomacal e a liberação frequente dos hormônios que estimulam a fome, dificultam a sensação de saciedade e no processamento do sentimento da fome (Azevedo et al, 2004 apud. Geliebter et al, 2003).

Já no que se refere à esfera psicológica do comer em excesso, Naiva e Moura (2020) relacionam esse comportamento com estratégias precárias da tentativa de alívio do estresse por parte do indivíduo que está em busca de uma regulação emocional. Tais estratégias de regulação também são tratadas como forma de supressão das emoções, que via de regra, podem estar relacionadas com sentimentos de vulnerabilidade aliado a quadros de depressão e ansiedade (Naiva & Moura, 2020 apud Strien, 2018).

Entende-se com isso, que o estresse proveniente do contexto de pandemia, pode gerar respostas periódicas do comer emocional, em função dessa busca por regulação e compensação. A compensação alimentar, por sua vez, é mencionada na literatura como uma forma frequente da busca pela satisfação e prazer, para o alívio momentâneo daquilo que aflige o sujeito (Ribeiro et al, 2008). Esse comportamento é observado em casos típicos do Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), que em seus critérios diagnósticos estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (APA, 2014) e como é caracterizada pela ingestão de alimentos em grandes quantidades em um pequeno período de tempo; comer rapidamente; comer mesmo na ausência da sensação fisiológica de fome; comer até sentir a dilatação do estômago; se alimentar longe das pessoas por vergonha da quantidade e da qualidade do alimento que está ingerindo; sensação de culpa, raiva, tristeza e repulsa sobre o próprio corpo.

Ainda de acordo com o DSM-V (APA, 2014), a prevalência da compulsão alimentar periódica não é tão assimétrica quanto ao Transtorno de Bulimia Nervosa (TBN), pois possui um índice de incidência semelhante entre mulheres e homens com idade igual ou superior a 18 anos, atingindo indivíduos de diversas etnias, e uma população que em uma perspectiva geral almeja o emagrecimento. Essa comparação se deve ao fato de que, por muitos anos, o tratamento para o TCAP era realizado com base no tratamento para TBN, pois ambos possuem como premissa a ingestão de alimentos em excesso.

Alinhado a estes dados, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), divulgou em seu portal na internet, que cerca de 4,7% da população brasileira sofre com transtornos de compulsão alimentar. Desse modo, os indicadores de estresse que foram mencionados e estão relacionados aos fatores de ordem física e emocional, possuem influência direta com indivíduos que sofrem com o Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), uma vez que os sentimentos atrelados ao estresse funcionam como gatilhos para o comer emocional.

Por se tratar de uma questão de saúde pública, os dados levantados por organizações governamentais, entidades médicas e sociais, são resgatados como sinais de alerta para a população, e como forma de concitar mais estudos sobre o tema para pesquisadores da área da saúde. Considerando ainda que a pandemia pela Covid-19 é um acontecimento vigente até o momento da produção dessa presente pesquisa, estudos sobre a relação entre os fatores psicopatológicos do comer emocional e de comportamentos compulsivos decorrentes do estresse em meio ao contexto pandêmico, estão sendo produzidos de acordo com que os índices epidemiológicos de mudanças residuais no estilo de vida da população, vão sendo evidenciados (Oliveira, Laise Villarim, et al, 2020).

Em busca realizada com os descritores de Compulsão Alimentar, Estresse e COVID-19 nas bases de dados *Scielo* e BVS, os resultados que se sobressaíram foram de estudos sobre a vulnerabilidade de pessoas que já enfrentam transtornos mentais ou que vivem em contextos propensos ao desenvolvimento desses transtornos. Esses casos foram exemplificados nos estudos de Santos (2021), que teve como objetivo analisar a prevalência de sintomas como depressão, ansiedade e fatores associados em profissionais da equipe de enfermagem durante a pandemia da Covid-19, e nos estudos de Gobbo et al (2020), que relacionou a pandemia como risco possível do agravamento de Transtornos Compulsivos Obsessivos (TCO). Outras revisões que demonstraram semelhança entre os descritores debatidos nesta pesquisa foram de estudos sobre Ansiedade, Depressão e Obesidade, respectivamente realizados por Bicalho (2020), Freitas et al (2020) e Da Silva Campos et al (2020), todos apontando a compulsão alimentar como um dos comportamentos compensatórios associados ao estresse.

Nesse entendimento, Oliveira, Laise Villarim et al (2020) resgam em sua revisão de literatura, que as particularidades que mais causam preocupação nas entidades de saúde, se referem à relação dos maus hábitos alimentares (ingestão de alimentos com pouco valor nutricional e altos índices de carboidratos) por questão de saúde coletiva, uma vez que uma dieta de má qualidade culmina na desregulação dos aspectos fisiológicos, e conseqüentemente pela desregulação hormonal do corpo, de aspectos psicológicos, originando em perturbações de ordem física e emocional. E ainda, é válido ressaltar o fenômeno da obesidade desnutrida, dados os fatores socioambientais que permeiam a realidade da população menos favorecida economicamente, com o consumo de alimento ricos em calorias, considerados vazios em nutrientes, porém palatáveis (Peña & Bacallao, 2006). Logo, por se tratar de um estudo na área da psicologia em interface direta com a nutrição, é possível identificar que as questões

levantadas ainda estão incisivamente interligadas com as atribuições multifatoriais que culminam em quadros de obesidade.

Pode-se ainda acrescentar, que a obesidade é uma condição crônica de saúde mencionada na maioria esmagadora das revisões bibliográficas encontradas a partir do cruzamento dos descritores sobre compulsão alimentar, transtornos alimentares e pandemia. Essa doença, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012) afeta cerca de 500 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo caracterizada como uma patologia de causas multifatoriais que pode ser identificada através do Índice de Massa Corporal (IMC) elevado (Moraes et al, 2013).

A obesidade e a compulsão alimentar são descritas no repertório do senso comum como sendo duas disfunções sinônimas resultantes do comer em excesso. No entanto, é necessário que seja feito a desmistificação desse conceito, visto que o Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP) se refere ao comer emocional, comer repetidos alimentos em um curto período, e a obesidade é uma disfunção orgânica que pode ter etiologia genética, biológica, e por vezes, sociais (Lorenzi et al, 2005). Portanto, faz-se necessário evidenciar que a obesidade não é considerada um transtorno mental, no entanto, pode estar associada à ansiedade, depressão e compulsão alimentar. Dessa forma, a semelhança entre ambas as condições (obesidade e TCA), relaciona-se aos fatores psicossociais que impactam no estilo de vida dos sujeitos, e produzem condições suscetíveis ao desenvolvimento de transtornos mentais

Denota-se então, a relevância desse estudo para a desestigmatização da associação do Transtorno de Compulsão Alimentar Periódico (TCAP) com a obesidade, tanto para profissionais da área da saúde, quanto para pesquisadores do tema. Conhecer esse fenômeno propicia a obtenção de subsídios para melhor desenvolver o processo de avaliação diagnóstica, sem considerar os estigmas advindos do senso comum. Independente da abordagem a tratar o TCAP, as duas características comportamentais que serão avaliadas em primeiro momento não possuem relação primordial com o peso corporal ou com a qualidade dos alimentos ingeridos, mas estão relacionadas com os critérios comportamentais que se apresentam na relação entre se alimentar e as emoções, e da quantidade e periodicidade da alimentação (Claudino & Borges, 2002).

Ao abordar os aspectos introdutórios do Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), é válido resgatar nos elementos contextuais que contribuem para o agravamento desse transtorno, considerando fatores tanto de ordem psicológica quanto social. Os fatores de ordem psicológica advêm como consequência de múltiplas interações com o meio, e com aspectos

intrínsecos à subjetividade, que se inscrevem na história de vida do indivíduo, suas experiências ações e reações frente aos acontecimentos (Moura, 2008). Já na esfera social, adentra as questões pertinentes ao estímulo de estressores, visto que a má gestão das emoções culmina em comportamentos de compensação para alívio imediato da tensão infligida (Silva, 2016).

Saber gerenciar o estresse, e/ou entender as vertentes comportamentais relacionadas a ele, propicia maior controle sobre o quadro de compulsão alimentar, uma vez que as estratégias de enfrentamento se condicionam para a superação de dificuldades, pequenas mudanças de hábitos e no evitar possíveis gatilhos que desencadeiam as crises. Enumo et al (2020) complementam sobre o gerenciamento do estresse em contexto de pandemia, mencionando os desfechos adaptativos de médio a longo prazo, que requer melhor manejo de contingências, do olhar para si e tomar controle do próprio quadro buscando materiais de apoio e ajuda multidisciplinar, bem como compartilhar sentimentos com pessoas da rede como quais estabelece relacionamentos. Com isso, materiais de apoio que possuem como tema as questões que permeiam o estresse e a compulsão alimentar em contextos de caos iminente, são de grande relevância social para a elucidação de dúvidas, melhor entendimento do quadro, propiciando autoanálise, bem como intermediação para um tratamento adequado visto que estimula a iniciação do processo terapêutico.

Frente ao exposto, o estresse se apresentou como elemento principal para desencadear o transtorno de compulsão alimentar, portanto, é pertinente buscar entender como funciona a interação estresse e compulsão alimentar. Nesse sentido, como questionamento norteador desta pesquisa, indaga-se: quais os aspectos psicossociais relacionados à compulsão alimentar no contexto da pandemia de COVID-19?

2. Objetivo Geral

Caracterizar os aspectos psicossociais que influenciam no comer compulsivo durante a pandemia de COVID 19

2.1 Objetivos Específicos

- 1** Identificar aspectos psicológicos que influenciam no comer compulsivo durante a pandemia de COVID-19;
- 2** Identificar aspectos socioambientais que influenciam no comer compulsivo durante a pandemia de COVID-19;

- 3 Relacionar os aspectos psicológicos e socioambientais que influenciam no comer compulsivo durante a pandemia de COVID-19.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Compulsão Alimentar x Excesso Alimentar

Para elucidar quais fatores psicossociais estão relacionados com o aumento de casos de compulsão alimentar em contexto de pandemia, é necessário antes distinguir o comportamento de se alimentar compulsivamente, que caracteriza o quadro de Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), de um comportamento de comer em excesso. Claudino e Borges (2002) mencionam que, para discriminar ambos os casos, aborda-se os critérios diagnósticos do TCAP, que configura ele como sendo um transtorno pautado no descontrole, onde o comer passa a ser patológico e a ingestão dos alimentos não possui o objetivo de satisfazer o paladar, além da periodicidade e duração dos episódios. Já no que se refere ao excesso alimentar, caracteriza-se o ato de comer por prazer, comumente observado em casos em que o indivíduo está se alimentando de uma comida que gosta, escolhida de forma seletiva e intencionada.

A linha tênue entre as duas condições pode ser representada pelo excesso de ingestão alimentar e pelo comer emocional. O comer emocional provém de uma resposta às emoções tanto positivas quanto negativas, onde o ato de se alimentar está relacionado a compensação ou recompensa, seja por estados de humor ou por fatores socioculturais. Nesse aspecto, se alimentar em excesso daquilo que proporciona prazer pode acabar se tornando uma circunstância atenuante para o comportamento compensatório e compulsivo, uma vez que o indivíduo passa a buscar cada vez mais esse sentimento de satisfação, em busca da regulação de seu estado emocional (Moura & Nava, 2020).

Os fatores psicossociais que estão atrelados a tais mudanças, podem ser originários de eventos estressores ou grandes alterações no cotidiano, que resultam em sentimento de insegurança e inadequação, como previsto por Morgan, Vecchiatti e Negrão (2002). A insegurança pode ser relacionada previamente com o contexto atual de pandemia de COVID-19, onde a alta disseminação e as incertezas sobre o vírus e suas consequências, desencadeiam episódios de tensão, medo e ansiedade, e ainda, a inadequação de um modelo novo de ordem

social para a adaptação substancial nesse período, como refletido à partir dos estudos de resposta ao estresse de Margis et al (2003).

Para evidenciar as mudanças originadas pelo contexto de pandemia, Almeida, Szwarcald e Malta et al (2021), realizaram uma pesquisa de levantamento por meio do preenchimento de um formulário elaborado pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nessa pesquisa, foram levantadas questões acerca das características sociodemográficas, infecção pelo novo coronavírus, medidas de isolamento social, acesso ao serviço de saúde, estado de ânimo e estilo de vida durante esse período. No total, foram 41.161 questionários válidos coletados, e dentre os resultados, os dados que se referem à saúde mental, foram de que 44% dos indivíduos relataram dificuldades para dormir, enquanto 56,7% relataram desânimo em relação ao distanciamento social, 40,2% sentiram-se tristes ou deprimidos, e 52,5% informaram estar ansiosos e nervosos por conta da pandemia.

Podemos elencar esses dados como fatores que impactam significativamente na saúde mental, e conseqüentemente no comer compulsivo. As perturbações no sono são indicativos de um comportamento ansioso e de alterações na rotina, os indivíduos que antes possuíam atividades externas, passaram a permanecer em casa diminuindo a atividade do corpo, diminuindo o gasto energético e consumindo mais alimentos calóricos. Oliveira, Rolim e Silva (2021), utilizam o termo “*Comfort Food*”, como referência aos alimentos que promovem emoções positivas de alegria momentânea, nostalgia e prazer.

Nesse sentido, o período de isolamento social ainda propiciou segundo Oliveira, Rolim e Silva et al (2021), um aumento no consumo de ultra processados, aumento no tempo destinado ao hábito de assistir televisão durante as refeições, inatividade física e diminuição na ingestão de frutas e verduras. Essas mudanças de hábitos em linhas gerais, impactam na homeostase fisiológica do corpo ocasionando picos de insulina e cortisol, que conseqüentemente aumentam a fome fisiológica e dificultam o manejo do controle alimentar (Naves & Paschoal, 2007). Desse modo, o contexto de caos instaurado pela pandemia, possibilitou um aumento da ingestão de alimentos, em menor período, configurando casos de excesso alimentar, em quadros de compulsão alimentar.

3.2 Compulsão Alimentar x Fatores Socioculturais

Ao se referir em fatores psicossociais, a dicotomia da palavra elucida seu significado por si só, sendo a união do fator psicológico com o social. Quando se trata do Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), o fator social se apresenta como protagonista no propiciamento de gatilhos que estimulam os comportamentos compulsivos, mas via de regra, tais fatores não são elencados apenas aos fenômenos contemporâneos, sendo também parte de uma esfera sociocultural, que pondera padrões alimentares, padrões estéticos, relações ocasionais e familiares (Morgan, Vecchiatti & Negrão, 2002).

Sob uma perspectiva antropológica, o ato de se alimentar é visto como linguagem universal inerente à atividade humana, como previsto nas reflexões de Leonel e Menasche (2017), que dialoga com o cenário cultural, onde deixa de ser apenas uma função vital, e passa a ser também algo primitivo e trivial. Além de estabelecer relações, cultivar valores e crenças para determinados grupos, o sentido que a alimentação recebe é determinado pelos significados atribuídos ao alimento pelos próprios indivíduos, sendo a organização simbólica do que representa a alimentação algo interligado às relações, sejam elas familiares ou sociais.

A partir desse ponto de vista, é possível identificar que o ato de se alimentar não pode ser considerado um mecanismo cujo propósito único é a sobrevivência, trata-se de um ato substancial e multifacetário, reunido de maneira cultural para cumprir o propósito de suprir necessidades básicas e organizar uma ordem social (Leonel & Menasche, 2017). Portanto, ao se remeter ao ato de comer em excesso, estamos lidando com a remota influência de diversos fatores que perpassam a vida dos indivíduos. Quaioti e Almeida (2006), ainda relacionam as influências primordiais da primeira infância desde a gestação, amamentação e até as interações familiares e sociais, na tendência a consumir determinados alimentos e desenvolver hábitos alimentares específicos.

Discutir a ordem antropológica desses fatos, provê uma análise sucinta dos fenômenos que envolvem o comportamento alimentar. Ao retratar a pandemia como possível elemento de potencial fomentador de casos de compulsão alimentar, consideramos os fatores de estresse, mudança de rotina e maior tempo de ociosidade como gatilhos para o desenvolvimento ou agravamento do TCAP. No entanto, o ato de alimentar-se corresponde à um conjunto de ações que se resumem em duas instâncias; o comportamento alimentar e o hábito alimentar, que respectivamente estão relacionados com a seleção, escolha e ingestão do alimento, e à resposta individual frente ao alimento (Vaz & Bennemann, 2014).

Coradini, Moré e Scherer (2017) parafraseiam sobre os hábitos alimentares abordando a temática da transmissão transgeracional que considera os hábitos alimentares de familiares como padrões de relação que sustentam o surgimento da obesidade. Como já abordado anteriormente na presente pesquisa, a obesidade condiz com uma doença de causa multifatorial, que apresenta um sintoma adverso semelhante ao TCAP, correspondente ao comer em excesso.

Realizando um recorte nos fenômenos que abrangem as duas doenças, e dando o enfoque para o sintoma em comum, é possível identificar “nos estudos de Coradini, Moré e Scherer (2017), um padrão de comportamento no ambiente familiar em nível cultural, onde é identificado que desde a geração dos avós, a alimentação é considerada sinônimo de bem-estar, cuidado, amor e prazer (Jingxiong et al, 2007 apud Coradini, Moré & Scherer, 2017). Nessa lógica, ao buscar entender de que forma os sujeitos buscam conforto na comida, admite-se relevante investigar o desempenho dos papéis familiares e sociais na construção dos hábitos alimentares.

Findando o tópico em linhas gerais, a família é considerada a instituição de primeiro contato do sujeito em desenvolvimento, e nessa conjuntura é estabelecida a transmissão de costumes, histórias valores e referências, que acabam por mediar o surgimento do paladar e dos hábitos alimentares (Soares Zuin et al, 2009). Entende-se então, que o alimento é uma das primeiras formas de contato do ser humano, e corresponde também à uma forma poderosa de afeto, que carrega benefícios fisiológicos, costumes familiares, tradições culturais e atua no propiciamento de memórias que dialogam com a construção identitária do sujeito (Soares Zuin, 2009).

3.3 *Compulsão Alimentar x Fatores Psicológicos*

Podemos notabilizar que os fatores psicológicos relacionados à compulsão alimentar estão intimamente ligados ao comer emocional, e conseqüentemente ao repertório histórico-cultural já mencionado, que preza a alimentação como recompensa e conforto. Nesse sentido, Moura (2013) resgata em seus estudos que esse comportamento alimentar instigado a princípio como regulação emocional em resposta ao estresse ou às situações que provocam emoções negativas, está ligado mais ao evento subjacente que sequencia o ato do comer compulsivo, do que o próprio comportamento. Ainda nesses estudos é possível identificar que a ênfase no contexto evidencia a segunda instância (a primeira refere-se ao fator sociocultural) a ser considerada no

diagnóstico de indivíduos que sofrem com o Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), que concerne à uma condição de vulnerabilidade do sujeito face à sua saúde mental.

Resgatando esses elementos e atribuindo sentido clínico dos princípios da Psicologia, a compulsão alimentar pode ser descrita como um transtorno de ordem psiquiátrica que é passível de ser compreendido com o estudo de fenômenos frente à sensibilidade de alterações socioculturais, ou por uma análise com ênfase na identidade do sujeito para identificação do sofrimento psíquico (Vianna & Novaes, 2019).

Entende-se como sofrimento, segundo Safra, 2014 (apud. Troes, 2020), um sentimento inerente à existência humana, com vertente químico-biológica que do ponto de vista psicossocial pode ser descrito como a expressão de experiências desprazerosas ou como um fenômeno singular que representa a incapacidade do indivíduo de sentir-se vivo. Dessa maneira, pode-se pensar na efetividade de afirmar que em contextos em que há estímulos desfavoráveis, o indivíduo que utiliza a comida como recurso para reequilibrar as emoções, ou interpreta o alimento como elemento que promove sensações de prazer, irá confrontar uma ampliação/surgimento de comportamentos compulsivos/compensatórios na esfera alimentar.

3.4 *Compulsão Alimentar x Pandemia COVID-19*

A Covid-19 (Sars-CoV-2), foi notificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, pois o cenário de descontrole frente à uma nova variante da SARS potencialmente mais agressiva, preocupou as entidades de saúde em um nível global (Aquino & Estela, 2020). Nesse sentido, podemos discutir aqui três instâncias a serem consideradas para elucidar a relação entre compulsão alimentar e pandemia. Sendo que a primeira instância está relacionada com as medidas utilizadas para a contenção da disseminação do novo vírus, a segunda surge como uma consequência das estratégias de contenção, e a terceira, sucede na relação entre o estresse e o comer emocional em contexto pandêmico, que resulta em quadros de compulsão alimentar.

O isolamento social pode ser abordado como sendo uma das primeiras estratégias adotadas pelo governo após o pronunciamento da OMS, sobre a forma com que o vírus se propaga. A disseminação do coronavírus (Covid-19), segundo Tesini (2020), ocorre de forma similar ao vírus influenza, considerando a transmissão por gotículas de saliva transportadas pelo ar ou pelo contato da mão com os olhos, nariz e boca após tocar uma superfície contaminada.

Sobre isso, Pereira, Oliveira & Costa et al (2020), trazem em sua revisão bibliográfica o isolamento social como um mal necessário, pois apesar de ser um procedimento adotado para resguardar a saúde pública, também se apresenta como um potencial estressor e uma ameaça à saúde mental da população. Em outros termos, a privação do contato entre familiares, amigos e demais membros de redes de apoio, culminam na intensificação do estresse e ansiedade para pessoas que antes eram saudáveis, e promove o agravamento dos quadros de transtornos mentais para aqueles que já possuíam um diagnóstico psiquiátrico (Pereira, Oliveira & Costa et al, 2020, apud Ramirez-Ortiz et al, 2020).

O estresse então, pode ser considerado a segunda instância a ser evidenciada nesta presente pesquisa. Para debater sobre o tema Enumo et al (2020), discute tópicos relevantes sobre o envolvimento da psicologia que estuda comportamentos e fenômenos, com o estudo sobre a ocorrência de maior impacto de situações estressoras em indivíduos cujo as estratégias de enfrentamento ao estresse, vão além da sua capacidade de gerir conflitos internos (Enumo et al, 2020, apud Lazarus & Folkman, 1984).

Sendo a pandemia um evento de grandes incertezas e risco iminente que pode culminar em sentimentos de medo, angústia e preocupação, podemos ainda citar reflexões de Bauer (2002), que pondera sobre a fisiologia do estresse com base nos estudos do endocrinologista Hans Selye (1907-1982), onde identificou-se um padrão nas respostas fisiológica do estresse, considerando experiências tanto sensoriais, quanto psíquicas. Para contextualizar, as experiências sensoriais mencionadas se referem ao contato direto com elementos estressores provenientes do meio, como alterações climáticas, enquanto as sensoriais resultam, segundo o próprio autor, em mecanismos de ordem psíquica como; brigas, mudanças e lutos (Bauer, 2002).

Com essas informações, aborda-se a terceira instância sobre correlação do estresse proveniente do contexto pandêmico com os quadros de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), onde ajustam-se para uma melhor compreensão e entendimento sobre a condição numa perspectiva fisiológica e comportamental, decorrentes de fatores psicossociais. Azevedo, Santos & Fonseca (2004), abordam e elencam a caracterização fisiológica do TCAP com o aumento do hormônio Cortisol, liberado em situações de estresse, onde o Cortisol estimula a ingestão de mais alimentos e inibe a capacidade do corpo de identificar fome fisiológica de fome emocional. Enquanto para a caracterização comportamental, pode-se memorar os estudos de Enumo et al (2020), sobre o padrão comportamental dos indivíduos em meio ao contexto de pandemia de COVID-19, onde foi observado maior índices de comportamentos danosos à

saúde, como; sedentarismo, maus hábitos de sono, maior aumento de tempo em dispositivos eletrônicos, maior consumo de comidas industrializadas e calóricas. Da mesma maneira, evidencia-se a desvalorização de costumes rotineiros como sentar-se à mesa para se alimentar, selecionar ingredientes para a preparação de refeições ou inteirar-se da produção dos mesmos, prestar atenção no alimento que está sendo ingerido, e sobretudo, priorizar o prazer e qualidade nutricional dos alimentos, sem considerar apenas a sensação de saciedade.

Evidencia-se então, possíveis aspectos psicossociais relacionados à compulsão alimentar em contexto de pandemia de Covid-19, sendo os comportamentos compulsivos relacionados às manifestações de ordem psíquica e comportamental, decorrentes do estresse proveniente do contexto, e dos sentimentos de medo, tristeza, insegurança, raiva e melancólica como resposta ao estresse. Tornam-se essas, as questões norteadoras passíveis de investigação sobre aos gatilhos do comer emocional, e do desenvolvimento ou aumento de crises de compulsão alimentar no contexto da pandemia pela COVID-19.

4. MÉTODO

4.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Os procedimentos adotados para aplicação desta pesquisa, pretenderam dialogar com a investigação de hipóteses sobre o fenômeno proposto, valorizando a perspectiva dos participantes em relação ao tema. Para isso, esse estudo caracterizou-se como de abordagem qualitativa, pois essa demonstrou-se favorável para a investigação de experiências, ideias e eventos, evidenciando uma dinâmica lógica e flexível, como previsto por Mendes (2006, p.11, apud Camara, 2013).

Na direção apontada, além da abordagem qualitativa, o presente estudo caracterizou-se também como exploratório, descritivo e transversal, uma vez que o intuito desta investigação foi entender, compreender e identificar variáveis de acordo com o fenômeno a ser elucidado, bem como caracterizar e observar o evento sem intervir. Andrade (2002, apud Raupp & Beuren, 2006) se referem a pesquisa exploratória como sendo uma abordagem metodológica para aprofundar conhecimento sobre a temática, formular hipóteses e sobretudo, apurar a contribuição para o esclarecimento de questões que foram abordadas previamente de forma superficial e concisa.

4.2 PARTICIPANTES

Essa pesquisa foi direcionada à participantes com idade igual ou superior a 18 anos, e que indispensavelmente possuíam diagnóstico de Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP). A descrição do critério de inclusão que se refere a idade, condiz com a exclusão de todas as transformações da fase da adolescência, que englobam características do comportamento alimentar influenciado e mediado pelas relações familiares, hábitos, autoimagem, necessidades fisiológicas, culturais e afins (Farthing, 1991, apud Gambardella et al, 1999).

Vale ressaltar que apesar da divulgação da pesquisa de forma ampla, observou-se certa dificuldade em encontrar participantes do sexo masculino, não pela falta do critério diagnóstico, mas sim pela não abertura para abordar a temática. Em contrapartida ao retraimento, faz-se necessário mencionar demais estudos que observaram resultados com esse público específico. Melin e Araújo (2002) por exemplo, abordam em sua revisão bibliográfica que, as relações entre a epidemiologia e quadro clínico de homens com Transtorno Alimentar (TA) são existentes, mas pouco abordadas e exploradas, o que ocasiona dados inválidos e a exclusão geral desse público em debates epistemológicos do gênero. Não obstante, considera-se também as particularidades entre os casos, como fatores relacionados à pressão estética e dismorfia corporal, que geralmente, é predominante no sexo feminino.

Sendo assim, o estudo foi realizado com 04 mulheres brasileiras que possuem o diagnóstico clínico de Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP):

	Valentina	Maria	Verônica	Maitê
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	21 anos	22 anos	24 anos	39 anos
Escolaridade	Superior incompleto (em andamento)	Superior Completo	Superior Incompleto (em andamento)	Superior Incompleto
Outros membros do núcleo familiar	Mãe	Mãe e pai	Mãe e pai	Marido
Medicamentos utilizados no último ano	Antidepressivo Antipsicótico Antidiabético Anticoncepcional	Antidepressivo Ansiolítico	Anticoncepcional Suplemento vitamínico Antidepressivo	Antidepressivo Estabilizador de Humor Antidepressivo Imidazopiridina
IMC (Índice de Massa Corporal)	Obesidade Grau I	Sobrepeso	Obesidade Grau II	Índice Eutrófico

(Fonte: Autora, 2021)

4.3 PROCEDIMENTO E COLETA DE DADOS

Nos materiais de divulgação do estudo, foi disponibilizado o telefone celular da pesquisadora para que os interessados pudessem entrar em contato a fim de saber mais sobre a pesquisa, tirar dúvida e/ou combinar a participação. Considerando que até o momento dessa produção o Brasil ainda se encontra no pico da pandemia pela COVID-19, a entrevista foi realizada 100% de forma online pelas plataformas Google Meet, Zoom e Microsoft Teams, para respeitar as medidas sanitárias e resguardar a integridade de todos os envolvidos. A duração média para os encontros foi de cinquenta minutos, e teve como base um roteiro produzido a partir dos objetivos da pesquisa, bem como a aplicação de um questionário de pré-seleção para fins de caracterização.

4.4 TÉCNICA PARA COLETA DE DADOS

Como parte da metodologia qualitativa, optou-se pela realização de entrevistas de natureza semiestruturada. Para isso, foi construído um roteiro composto de perguntas abertas e fechadas com o objetivo de caracterizar o sujeito de pesquisa, e conseguinte obter sua perspectiva sobre o tema abordado, identificando aspectos psicológicos e socioambientais.

As perguntas propostas estão em consonância com os objetivos da pesquisa e com as três instâncias articuladas nesse presente estudo, iniciando com questões sobre a pandemia, rotina, relações pessoais e posteriormente, afunilando para questões pertinentes aos hábitos alimentares, diagnóstico de TCAP, frequência das crises, identificação de possíveis gatilhos, consequências do quadro e aspectos gerais. Somado a isso, a caracterização do participante conta com a investigação de possíveis variáveis como; acompanhamento psicológico/psiquiátrico, uso de substâncias psicoativas, ocupação, composição do núcleo familiar e estudos. Já para fins de prevalência, aborda-se questões estruturais como idade, gênero, cidade/estado, essas, foram disponibilizadas para as participantes via Google Forms.

4.5 ORGANIZAÇÃO, TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Reafirmando a relevância do método escolhido, regata-se os aspectos teóricos de Bardin (2011, apud Camara, 2013), sobre a utilização de um esquema de análise de conteúdo como

técnica para tratamento de dados na pesquisa qualitativa, sendo dividida em três etapas fundamentais; pré-análise, exploração do material e tratamento de resultados. A pré-análise, é mencionada como a fase flutuante que realiza o levantamento de hipóteses com base em materiais e documentos, esquematização dos objetivos e formulação do escopo para a entrevista. A segunda descrita como exploração do material, que trata dos dados coletados durante a entrevista, organizando as informações transcrevidas durante o encontro. E por fim, a terceira, que se refere ao tratamento dos resultados e busca-se elencar os dados obtidos com as hipóteses da pesquisa.

Em primeiro momento, esse material serviu como base teórica para aplicação do instrumento de coleta de dados, tendo como proposta inicial identificar e relacionar pela perspectiva dos participantes, aspectos psicológicos atrelados ao quadro de TCAP, com o contexto social vigente - pandêmico. Em segunda instância, foi aplicado um questionário (vide apêndice B), que conduziu a entrevista para assuntos pertinentes ao tema. Consequente, o material coletado foi analisado pela pesquisadora e categorizado por relevância de acordo com os objetivos da pesquisa, para então adentrar nos resultados do estudo.

4.6 CUIDADOS ÉTICOS

A presente pesquisa visa contribuir na produção de conhecimento científico sobre os aspectos psicossociais relacionados à compulsão alimentar em contexto de pandemia pela COVID-19, bem como busca identificar as variáveis do quadro psicopatológico em contato com o estresse proveniente do contexto. Sendo assim, buscou cumprir todas as normas orientadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) baseado no sigilo, anonimato e privacidade.

No início da entrevista as participantes receberam e aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), que foi utilizado para esclarecer seu mantimento a anonimato, bem como sua voluntariedade, direito a ressarcimento e indenização, autonomia, riscos e benefícios e que revela que o resultado do levantamento de hipóteses poderá ser utilizado em congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos.

4.7 CRONOGRAMA

Data	
01/08/2021	Data de submissão ao CEP
05/08/2021	Ajustes de pendências no Instrumento

01/09/2021	Início da divulgação da pesquisa
30/10/2021	Análise dos dados coletados
20/11/2021	Apresentação dos dados

4.8 ORÇAMENTO

Item	Valor	Observação
Banner	N/A	Confecção Cartaz p/ Divulgação
Internet	N/A	Recurso permanente
Notebook	N/A	Recurso permanente

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Na apresentação dos resultados coletados a partir das perguntas propostas no instrumento de coleta de dados, foi possível identificar subcategorias que satisfazem os objetivos específicos ordenado em categorias. A primeira articula-se aos fatores psicológicos, enquanto a segunda os socioambientais:

Tabela 1

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS
1. Identificar aspectos psicológicos que influenciam no comer compulsivo durante a pandemia de COVID-19;	<ol style="list-style-type: none"> 1. Diagnóstico 2. Infância 3. Relações Interpessoais 4. Sentimentos atrelados às crises
2. Identificar aspectos socioambientais que influenciam no comer compulsivo durante a pandemia de COVID-19;	<ul style="list-style-type: none"> • Antes/Depois da pandemia • Rotina • Uso de substâncias psicoativas • Gatilhos para o Estresse • Uso de álcool ou drogas

5.1 ASPECTOS PSICOLÓGICOS QUE INFLUENCIAM NO COMER COMPULSIVO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Baseando-se na estruturação das subcategorias, os aspectos psicológicos evidenciados nas entrevistas realizadas satisfizeram um padrão cronológico que elencam elementos do diagnóstico do TCAP, infância e primeiros indícios de transtornos alimentares, seguido de padrões nas relações interpessoais e nos sentimentos envolvidos do transtorno.

Considerando os resultados, os primeiros indícios do **diagnóstico** de TCAP entre as participantes foram durante a infância e adolescência, com exceção apenas da participante

Valentina que desenvolveu o transtorno durante o período de pandemia. Partindo desse ponto, investigou-se durante as entrevistas a relação de cada uma delas com a comida atualmente, e se houveram mudanças significativas do quadro durante a pandemia.

Dentre os relatos, Valentina e Verônica notaram o surgimento/piora do quadro, enquanto Maria e Maitê disseram ter apresentado piora no início do isolamento social, e melhora progressiva posteriormente. Apesar da individualidade nos casos de definição diagnóstica, todas apresentaram conflitos com a alimentação desde a **infância**, seja por inconformidades nas formas de regular a alimentação por parte dos responsáveis, por experiências negativas no ambiente escolar ou por intercorrências nos primeiros acompanhamentos médicos. Dentre os relatos, esses indícios ficam evidentes nos trechos:

“Minha relação com a comida sempre foi essa, minha mãe proibindo e meu pai deixando, até os dois entrarem em um consenso e proibirem de vez” (Verônica)

“Sempre fui uma criança “gordinha”, minha mãe começou a se preocupar e me levou no médico, e foi aí que descobri que eu tinha problemas com a alimentação. Tentavam me proibir até na escola, eu só tinha 8 anos, sabe? Achei extremo e só me dava mais vontade de comer”. (Maria)

Sobre vínculos, Souza e Santos (2006), abordam o papel da dinâmica familiar como sendo atenuante ou até mesmo desencadeador de transtornos alimentares, considerando ainda que algumas das causas que tornam um ambiente familiar desarmônico e propício nesse sentido, podem estar relacionadas por exemplo com a transmissão transgeracional de um determinado padrão de imagem corporal da família, mães potencialmente controladoras, pais ausentes e falta de encorajamento ou apoio emocional.

A colocação sobre as relações maternas, enfatiza alguns dos resultados que apresentaram semelhança nesta pesquisa:

“Meu pai me abandonou e minha mãe desde que eu nasci sempre foi muito superprotetora, sempre tive que ficar junto dela e fazer as coisas do jeito dela. Até hoje não posso nem fechar a porta do meu quarto, e quando me refiro à ela se não falar “mamãe” já dá briga” (Valentina)

“Sempre tive problemas com a minha mãe, ela me levava no médico para tentar tratar o fato de eu ser “fortinha” desde aquela época, acho que ela esperava uma menina mais feminina e eu sou toda bruta” (Maria)

“A maioria das vezes que estou estressada é por causa da minha mãe e do meu pai, em especial minha mãe, ela faz parecer que tudo que faço está errado e sempre tenta me controlar, não posso nem sair caminhar sozinha, que é algo que eu gostaria de fazer sozinha” (Verônica)

“Tenho um problema bem sério com a minha mãe, pois ela sofre com transtorno bipolar e tem diagnóstico de esquizofrenia. Minha irmã também tem problemas alimentares por causa dessa relação, não é igual ao meu, mas têm, então é bem complicado.” (Maitê)

Buscando entender um pouco mais sobre as relações familiares que impactam no comer compulsivo, é válido abordar aspectos da Teoria das Redes Sociais Significativas de Sluzki (1997), cuja pretensão teórica busca elencar a construção da identidade dos sujeitos, com as influências de outros indivíduos, sejam familiares, amigos, vizinhos etc. Essa interferência ocorre de maneira significativa, mas varia em seu tamanho, densidade e composição. Em outras palavras, a interferência das relações depende do tamanho da rede (quantidade de membros), até a densidade, que se refere à resistência dos vínculos, e composição, que se adequa aos membros de maior proximidade até os distantes.

Pode-se exemplificar ainda com os resultados do presente estudo, onde as participantes demonstraram problemas nas relações maternas, mas também relataram não possuir outros tipos de vínculos significativos com amizades, por exemplo. Quando questionadas sobre suas **relações interpessoais** além dos familiares, relataram:

“Todos os namorados que tive sempre foram abusivos de alguma forma, nunca fui de ter muitos amigos, sempre um círculo pequeno, algumas pessoas que mantenho contato da época da escola e algumas pessoas que conheci na faculdade, ao total são umas 5 pessoas” (Valentina)

“Amigos nunca tive, só colegas, nunca fui muito de ter amigos, conversei mais com meu irmão[sic]. Tive alguns relacionamentos conturbados no passado, hoje em dia estou namorando à distância, ele me deixa bem estressada, mas é isso” (Maria)

“Meus amigos eu só tenho contato nos RPG online, e na troca de memes pelo WhatsApp, já meu namorado temos uma boa relação, ele me entende bastante e quando estou com ele são os momentos mais confortáveis pra mim, onde nem penso em comida” (Verônica)

“Em questão de amigos eu sou bem caseira, bem na minha, gosto do meu canto, da minha privacidade, tenho alguns amigos que me encontram de tempos em tempos, fazemos um jantarzinho, mas é isso...[sic] já com meu marido é tudo ótimo, nos damos super bem” (Maitê)

Nessa configuração, as redes sociais das participantes de acordo com Orlandi (2011, apud Leonidas e Santos, 2013) podem ser caracterizadas como sendo de pequeno porte, pois possuem poucos membros na rede, com integrantes prioritariamente de ordem familiar ou de grau íntimo social médio, que condiz com a intensidade média da relação, e por fim com

acionamento como fonte de apoio escasso, pois apesar dos conflitos com as figuras parentais, são nessas relações que as participantes buscam apoio.

Ao referir essa correlação de eventos sobre a ordem familiar, entende-se que ao ter dificuldades de estabelecer vínculos, as participantes tendem a se sentir excluídas do meio onde vivem, e com perspectiva vulnerável às críticas, apresentando baixa autoestima:

“Minha mãe sempre implicou com a forma com que me comporto, apontou meus erros, eu sei que sou só decepção pra ela, sou um poço de decepção cheio de problemas” (Maria)

“Meus pais apontam meus erros todos os dias, é exaustivo, nunca está bom para eles, me sinto insuficiente o tempo todo” (Verônica)

Por meio destas falas, pode ser identificado ainda como um ciclo que se retroalimenta pelo precário suporte e pelo desejo de pertencimento e aceitação. (Leonidas e Santos, 2013).

Sobre as condutas de controle das mães, pode-se abordar ainda os estudos de Bullock (2004, apud Leonidas e Santos, 2013) no que tange a definição de conflito existentes em vínculos onde a figura materna se demonstra excessivamente controladora, e a relação é descrita como incompreensível, injusta e com excesso de conflitos e brigas.

“Nossa relação é bem complicada, acaba que eu tenho certos planos para minha vida que divergem dos dela, ela conta comigo para os planos dela - uma pisa em ovos com a outra, e eu sempre acabo cedendo e fazendo o que ela quer, talvez por medo de como ela vai reagir.” (Valentina)

“Minha mãe é super invasiva, ela controla excessivamente meu celular, minhas redes sociais, me acompanha na rua até quando quero praticar exercícios, mas não é uma companhia, sabe? É sempre uma sombra que me acompanha para criticar e dizer que estou fazendo tudo errado” (Verônica)

Os sentimentos de insuficiência, incapacidade, culpa, raiva e tristeza, estão presentes na busca pela regulação emocional através da alimentação, e representam boa parte dos gatilhos para as crises. Balaias (2010) aborda sobre a fome emocional como sendo algo súbito e urgente, que pode ser desencadeado ao confrontar situações de estresse com desequilíbrio fisiológico, como a liberação excessiva do hormônio cortisol que é potencializador do apetite. Essa forma de compensação também pode ser explicada pelas relações familiares, e o contexto histórico-cultural em que os indivíduos estão inseridos. À vista disso, buscou-se entender neste estudo para além das relações das participantes com a alimentação, foi investigado também o padrão alimentar dos familiares.

"Quando eu era criança eu já gostava de comer, lembro que meu pai costumava me trazer doce de leite sempre depois do trabalho, era todos os dias mesmo. Era nossa rotina, eu ficava feliz com a chegada dele e com o doce. Então peguei o hábito de comer doces todos os dias." (Verônica)

"Minha família passou por dificuldades financeiras quando eu era criança, não tínhamos dinheiro para comer, lembro que quando conseguimos melhorar nossa situação minha mãe ficou obcecada por fazer compras, e chega a fazer estoques enormes de comida até hoje." (Maria)

Essa forma de assimilar a comida como agente regulador de sentimentos, pode ser explicada pela proposta familiar que elencou o alimento com situações positivas ou negativas, e provocou uma série de reações de assimilação de significados emotivos até a fase adulta (Balaias, 2010).

Nesse sentido, os **sentimentos atrelados às crises** de compulsão alimentar são inicialmente descritos como uma satisfação momentânea, seguida de sensação de impotência, culpa, raiva e sentimento de ter colocado tudo a perder.

"Eu sinto uma decepção profunda, quando eu caio em si, vejo que sou pequena diante dessa doença, é triste" (Maitê)

"Satisfação momentânea, logo depois vem a culpa, culpa por ter quebrado o protocolo de alimentação e ter que recomeçar, parece que coloquei tudo a perder. Me sinto incomodada porque o prazo se repete e não vou emagrecer tão rápido." (Valentina)

"Antes das crises eu estou geralmente estressada, ansiosa ou irritada, e depois eu fico depressiva e me sentindo culpada. - Me deixa péssima, sinto que perdi tudo" (Maria)

"Alegria momentânea, depois decepção, raiva, tristeza, arrependimento." (Verônica)

Diante do que foi expresso, o estresse também apareceu como elemento agravante para as crises de compulsão alimentar, considerando que se refere a um cansaço físico e mental ocasionado pela alta demanda de situações que exigem respostas tanto fisiológicas quanto emocionais (Freitas, 1985).

O estresse proveniente do contexto de pandemia se acentuou tanto pelo cenário de caos eminente no país e no mundo, quanto pela necessidade e urgência de adaptação da rotina, aumentando o contato com elementos que são estimulantes para a compulsão alimentar, como a maior convivência com familiar cujo vínculo é instável, e o constante contato com o alimento (Balaias, 2013). Entretanto, deve-se considerar as mudanças de forma individual, considerando

que a aproximação para elementos que agravam as crises, depende de fatores como rotina do indivíduo e do núcleo familiar, uso de medicamentos psicoativos e maior exposição ao período ócio.

Em questão do Índice de Massa Corporal das participantes, foi aplicado um formulário com perguntas fechadas para caracterização, onde as opções de assinalar peso e altura apresentavam alternativas com intervalos decimais, procurando manter a pesquisa menos invasiva possível. Dos resultados, evidenciou-se que Valentina apresenta um IMC correspondente à Obesidade Grau I, enquanto Maria encontra-se em estado de sobrepeso, Verônica em Obesidade Grau II e Maitê apresentou peso eutrófico. Dito isso, é válido mencionar para análise dos parâmetros que, dentre as participantes, a Maitê é a única que apresentou também histórico passado de Bulimia Nervosa (BN), declarando ter utilizado de mecanismos compensatórios para regulação do peso corporal. As demais relataram grandes oscilações de peso entre os anos e até meses, indo de estágios de restrição alimentar à compulsão.

Com base nesse índice, é possível também observar a tentativa de autocontrole em casos de compulsão alimentar. Bernardi et al (2005) identifica essa ação como sendo de ordem frequente entre pessoas com transtornos alimentares, tendo em conta a força necessária para se opor às tendências biológicas (processos fisiológicos que inibem a saciedade e fazem com que o corpo fique constantemente em busca de alimentos) e pressões ambientais, condizente com o padrão estético social. As influências desses dois fatores resultam em restrição alimentar abrupta que não é estável para ser mantida por longos períodos, ocasionando constantes recaídas das crises de compulsão.

5.2 ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS QUE INFLUENCIAM NO COMER COMPULSIVO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Sobre os aspectos socioambientais, as subcategorias foram organizadas de acordo com a prevalência dos temas levantados a partir das questões de investigação sobre as variáveis. Nesse sentido, foi questionado às participantes como era a **rotina antes da pandemia**, e como está agora. Todas relataram desaceleração das atividades e maior período ocioso. A ociosidade na rotina foi retratada várias vezes como elemento desencadeador das crises, bem como a falta de organização nos afazeres do dia a dia como sendo potencial estressor pela ideia de falta de produtividade ou má gestão de tempo.

"Antes da pandemia eu era bem mais ativa, até porque na minha faculdade tem um espaço entre as salas, e ao total eu andava muito. Além de andar, eu via pessoas, tinha uma rotina,

comia na hora mais certa, tinha atividades extracurriculares, e não ficava tanto em casa com meus pais.” (Verônica)

"No início da pandemia estava pior, eu estava em outro emprego que não tinha um ambiente legal, mas agora estou em um novo e apesar de ter minha rotina, eu chego em casa e não tem muito o que fazer, sabe? Ai eu penso em comer [sic]. " (Maria)

"Antes da pandemia eu pesava cerca de 60kg (25kg a menos), eu trabalhava fora e tinha minha rotina - aí com a pandemia, passei a ficar mais tempo em casa, e passei a consumir mais de tudo, de televisão, internet e comida" (Valentina)

"Estou trabalhando de forma remota, assim que a pandemia iniciou parei de sair, mas no final do ano passado me mudei da casa da minha mãe e comecei a morar com meu marido – é uma rotina confortável, mas me deixa em constante contato com a comida, o que me deixa um pouco em alerta” (Maitê)

O ócio mencionado pelas participantes, pode ser articulado com estudos sobre a produtividade moderna de Pinheiro et al (2010), que demonstra a conotação histórica na separação dialógica entre corpos produtivos e corpos em tempo-espaço de lazer.

“...É engraçado, sempre que sinto não estar sendo produtiva na faculdade ou no meu dia, eu vou lá e como” (Valentina)

Ainda para Stebbins (1992, apud Pinheiro et al, 2010), entende-se que o ócio é interpretado de acordo com a subjetividade de cada um, e que as formas de ócio estão atreladas ao sentido de competência que cada um assumiu como conceito ao longo de suas vivências e experiências, exercendo o papel de estar no controle sobre si e sobre sua vida.

Em estudos direcionados para efeitos da pandemia de COVID-19, Durães et al (2020) menciona as implicações psicológicas que estão presentes na rotina da população que adotou como medida preventiva o isolamento social. Além de sentimentos como ócio e tédio vindos da desestruturação de uma rotina em ambiente externo, o estudo transversal coletou amostra de 602 participantes de idades entre 18 e 79 anos, espalhados em diversos locais da Itália. O resultado da pesquisa demonstrou que quase metade dos entrevistados (40,0%) seguiam alguma espécie de dieta antes da pandemia, e após as medidas de isolamento e episódios intensos de

surtos na saúde da população, constatou-se que 86,0% deles não conseguiram mais controlar suas dietas.

Desse mesmo modo, as participantes deste presente estudo foram questionadas sobre a rotina, e foi observado o nível de compreensão sobre seu próprio quadro que cada uma possui, ao considerar possíveis **gatilhos**.

"Geralmente quando estou sozinha sinto aquele sentimento de vazio, tristeza - e quando estou fora da minha rotina, durante o dia se estou ociosa. A pandemia me deixou o dia inteiro em contato com aquilo que eu mais evito [...] e a falta de rotina/organização." (Maitê)

Considerando ainda a atenuação das relações familiares em contexto de pandemia, observou-se que nos casos das participantes Valentina e Verônica que passaram a ficar mais tempo com suas mães, notou-se um afloramento de conflitos pré-existentes que antes estavam abafados pela rotina. Enquanto para Maria e Verônica, notou-se uma melhora, devido à ausência de suas mães nesse cenário atual.

"...No início da pandemia eu ainda morava com meus pais, minha irmã e meu marido. Mas no final de 2020 fui morar em outra cidade somente com meu marido, então hoje em questão do clima lá em casa está bem mais tranquilo [sic]" (Maitê)

"...Meu relacionamento com meus pais era muito pior, hoje em dia estamos em paz em casa... até porque eles viajam juntos e eu fico sozinha durante dias [sic]." (Maria)

Nesse mesmo sentido, buscou-se compreender de forma sucinta quais os fatores que são de **potencial estressor** para as participantes,

Valentina: <i>Conflitos com a mãe e sentimentos de improdutividade</i>
Maria: <i>Conflitos com os pais e com o namorado</i>
Verônica: <i>Conflitos com os pais</i>
Maitê: <i>Conflitos familiares e interrupções na rotina.</i>

Além do contraste no núcleo familiar, também foi identificado um padrão diferente no comportamento das participantes que estão atualmente fazendo uso de fármacos psicoativos das que não iniciaram ou pararam com o tratamento. Valentina e Verônica notaram o surgimento/piora do quadro, enquanto Maria e Maitê disseram ter apresentado piora no início do isolamento social, e melhora progressiva posteriormente. Notou-se que as participantes que perceberam uma piora do quadro não estão em tratamento farmacológico específico para tratar o transtorno compulsivo ou ansiedade, enquanto as outras duas participantes que notaram melhora, iniciaram um tratamento farmacológico regular após o início da pandemia.

Sobre isso, vale ressaltar que o uso de substâncias psicoativas para tratar a Compulsão Alimentar não elucidam as questões que fazem com que os indivíduos busquem conforto na alimentação, apenas realizam abertura para tratamentos dos sintomas de distúrbios adjacentes como ansiedade e depressão. Outros apenas produzem efeitos que contribuem com a perda do apetite, passando a sensação de efetividade no tratamento do transtorno. Salzano e Cordás (2004) demonstram em seu estudo de levantamento que, a eficácia de medicamentos para o tratamento de TCAP, condizem com uso progressivo de antidepressivos para tratamento de sintomas de ansiedade e depressão, mas em contrapartida há uma melhora significativa dos casos somente com o uso de placebos, indicando a forte relação psíquica nas perturbações de hábitos alimentares.

Em caráter de uso de substâncias, também foi investigado sobre o **consumo de álcool e outras drogas**, considerando que comportamentos compulsivos tendem a ser expressos de formas distintas, de acordo com uma série de fatores, como segue os relatos:

"Sim, antes eu era proibida pela minha mãe de tomar ou consumir qualquer tipo de substância, mas um dia ela me deixou tomar álcool eventualmente, e assim foi indo, fui aumentando as doses e passei a gostar mais do que deveria, agora sempre mantenho uma garrafa de gin para fazer um drink quando quero relaxar. Também já tentei buscar conforto na maconha, mas em alguns episódios ao invés de relaxar, acabava agravando meus surtos psicóticos." (Valentina)

"Eu gosto muito, muito de álcool. É algo que preciso monitorar com frequência para não se tornar um problema como é a comida. Na pandemia não tive tanto problema com isso, aqui em casa eu e meu marido colocamos algumas regras para controlar o consumo" (Maitê)

Sobre a linha tênue entre transtornos alimentares e o consumo de álcool, Azevedo (2021) traz em seus estudos que a relação entre ambos os casos é evidenciada pela sobreposição de sintomas de impulsividade e fragilidade no comportamento de autocontrole. Mikheeva e Tragesser (2016, apud Azevedo, 2021), ainda conceituam que os episódios compulsivos em ambos os casos são mais prováveis de ocorrer em situações que envolvem sentimentos de tristeza, angústia e desconforto.

Elencando esses índices com fatores contextuais da pandemia, resgata-se o referencial teórico de Birman (2014, apud Vertzman, 2020), onde a relação de desorientação estabelecida durante esse período de caos iminente que provoca alterações no cotidiano covalentes com alterações no espaço e tempo, provocando sentimentos de maior insegurança, desamparo e medo. Em casos de transtornos alimentares e demais transtornos compulsivos, entende-se que

elementos de potencial estressor funcionam como agravantes para pessoas que normalmente já lidam com situações de fragilidade emocional.

Em síntese, a divisão de categorias propôs relacionar os aspectos psicossociais do comer compulsivo no período de pandemia de COVID-19, considerando também os aspectos socioambientais como variáveis que interferem ativamente no contexto, e possuem potencial para oscilar a densidade e frequência das crises. Objetivou-se que as relações familiares nos casos mencionados, possuem grande influência em aspectos psicológicos das participantes, aliado às formas de assimilar a comida como reguladora emocional e fonte prazerosa contra o estresse.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa apresentou resultados satisfatórios no que tange a identificação de relação entre melhora, piora ou constância de quadros de Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP) em período de pandemia. Constatou-se que a questão da fragilidade nos vínculos familiares representa uma parcela significativa na vida das participantes, o que incita questões a serem levantadas sobre a relação dessa disfunção com os primeiros sinais e sintomas de transtornos alimentares na infância.

Os resultados também contribuíram com a identificação de fatores que influenciam nas respostas de estresse, como a desestruturação na rotina devido à estratégia inicial de isolamento social, conflitos ou ausência das/nas relações interpessoais, necessidade de maior estímulo no período ocioso e constante contato com a comida. Em consonância, também foi possível observar que os inibidores seletivos da recaptação da serotonina previamente utilizados para tratar ansiedade e depressão, acabam por promover a diminuição da fome emocional nas primeiras semanas ou meses, refletindo na sensação de cura temporária do quadro. Essa estratégia sem acompanhamento multidisciplinar acaba tardando a procura por um tratamento psicoterapêutico para identificar e suplantar as bases do transtorno.

A presente pesquisa reconhece em suas bases teóricas as inúmeras influências provenientes do contexto ou do psicológico dos indivíduos, no que tange a ingestão alimentar. Entretanto, o estudo não teve como objetivo aprofundar as causas e efeitos de outros fatores identificados no período de pandemia, como os quadros de insônia, baixa qualidade nutricional dos alimentos ingeridos, maior consumo de álcool ou outras drogas, baixo nível de atividade física, maior uso de tecnologias e aspectos socioeconômicos. Com isso, faz-se necessário que estudos posteriores possam adentrar na análise desses elementos, para contribuir com a

compreensão de fatores psicossociais que podem influenciar no Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP). Possibilitando ainda, a obtenção de subsídios para melhor desenvolver o processo de avaliação diagnóstica para profissionais, e estimulando indivíduos que tenham esse transtorno a buscarem por ajuda multidisciplinar.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Caroline Barros; CAMPOS, Erico Bruno Viana. O sujeito na contemporaneidade. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de fora , v. 9, n. 2, p. 324-330, dez. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jun. 2021.
- AQUINO, Estela M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2020, v. 25, suppl 1 [Acessado 13 Junho 2021] , pp. 2423-2446. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>>. Epub 05 Jun 2020. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>.
- APPOLINÁRIO, José Carlos *et al.* Transtornos alimentares. **Brazilian Journal of Psychiatry** , [s. l.], v. 22, ed. 2, p. 28-31, 24 jan. 2001. DOI <https://doi.org/10.1590/S1516-4446200000600008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/P6XZkzr5nTjmdVBTYyJVZPD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 8 maio 2021.
- AZEVEDO, Alexandre Pinto de; SANTOS, Cimâni Cristina dos; FONSECA, Dulcineia Cardoso da. Transtorno da compulsão alimentar periódica. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo , v. 31, n. 4, p. 170-172, 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832004000400008&lng=en&nrm=iso>. access on 15 May 2021. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000400008>.
- BAUER, Moisés Evandro. Estresse. **Ciência hoje**, v. 30, n. 179, p. 20-25, 2002. Disponível em <https://url.gratis/luYgVI>. Acesso em 20 de abril, 2021.
- BOLOGNESE, Marciele et al . Transtorno de compulsão alimentar periódica: fatores associados em adolescentes sobrepesados e obesos. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa , v. 19, n. 3, p. 755-763, dez. 2018 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862018000300022&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.15309/18psd190322>.
- CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte , v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 08 jun. 2021.
- CLAUDINO, Angélica de Medeiros; BORGES, Maria Beatriz Ferrari. Critérios diagnósticos para os transtornos alimentares: conceitos em evolução. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo , v. 24, supl. 3, p. 07-12, Dez. 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000700003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 maio, 2021.
- CORADINI, A. O.; MORÉ, C. L. O. O.; SCHERER, A. D. OBESIDADE, FAMÍLIA E TRANSGERACIONALIDADE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 26, n. 58, p. 17-37, 6 set. 2017. Disponível em <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/298/284>. Acesso em: 28 maio 2020.
- CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa-: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.
- DUARTE, Rosália Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista* [online]. 2004, n. 24 [Acessado 13 Junho 2021] , pp. 213-225. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>>. Epub 04 Mar 2015. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000700003>.
- ENUMO, Sônia Regina Fiorim et al. Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: proposição de uma Cartilha. *Estudos de Psicologia (Campinas)* [online]. 2020, v. 37 [Acessado 3 Junho 2021] , e200065. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200065>>. Epub 18 Maio 2020. ISSN 1982-0275. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200065>.
- FREIRE, AA da Silva et al . Correlation between levels of physical activity and anxiety and in patients with binge-eating disorder. **CPD**, Murcia , v. 20, n. 3, p. 55-64, dic. 2020 . Disponible en <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1578-84232020000300005&lng=es&nrm=iso>. accedido en 09 jun. 2021. Epub 09-Nov-2020.

FREITAS, Silvia; GORENSTEIN, Clarice; APPOLINARIO, Jose C. Instrumentos para a avaliação dos transtornos alimentares. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo , v. 24, supl. 3, p. 34-38, Dec. 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000700008&lng=en&nrm=iso>. access on 08 May 2021. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000700008>.

FERREIRA, Vanessa Alves; MAGALHÃES, Rosana. Obesidade no Brasil: tendências atuais. **Revista portuguesa de saúde pública**, v. 24, n. 2, p. 71-81, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/95877/1/2-06-2006.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2021.

FREITAS, André Ricardo Ribas, Napimoga, Marcelo e Donalisio, Maria Rita Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* [online]. 2020, v. 29, n. 2 [Acessado 13 Junho 2021] , e2020119. Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200008>>. Epub 06 Abr 2020. ISSN 2237-9622. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200008>.

GAMBARDELLA, Ana Maria Dianezi, Frutuoso, Maria Fernanda Petrolí e Franch, Claudia Prática alimentar de adolescentes. *Revista de Nutrição* [online]. 1999, v. 12, n. 1 [Acessado 8 Junho 2021] , pp. 55-63. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-52731999000100005>> Acesso em 1 de jun, 2021.

GOBBO, Ingrid; SILVA, Veridiana Soares da. RISCO DE POSSÍVEL AGRAVAMENTO DO TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO DEVIDO A PANDEMIA – COVID-19. **XIII JORNADA DE SAÚDE**

GODOY, Arilda Schmidt *et al.* Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, [s. l.], v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. DOI <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 1 jun. 2021.

LEITE, Kelen Christina A (IN) ESPERADA PANDEMIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O MUNDO DO TRABALHO. *Psicologia & Sociedade* [online]. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240215>>. Acesso em 1 jun, 2021.

MARGIS, Regina *et al.* Relação entre estressores, estresse e ansiedade. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. 2003, v. 25, suppl 1, pp. 65-74. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000400008>>. Epub 03 Feb 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000400008>. Acesso em 20 abr. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). FIOCRUZ. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações para Gestores. *In: DOLABELLA MELO, Bernardo et al. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações para Gestores*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Saude-Mental-e-Atencao-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomendacoes-para-gestores.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Boletim Epidemiológico Especial Doença pelo Coronavírus COVID-19,: Brasília, 2020. Disponível em: <http://saude.gov.br/images/pdf/2020/July/08/Boletim-epidemiologico-COVID-21-corrigido-13h35.pdf>. Acesso em 20 de abril 2021.

MORGAN, Christina M; VECCHIATTI, Ilka Ramalho; NEGRAO, André Brooking. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo , v. 24, supl. 3, p. 18-23, Dec. 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000700005&lng=en&nrm=iso>. access on 15 May 2021. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000700005>.

OLIVEIRA, Laíse Villarim *et al.* Modificações dos Hábitos Alimentares Relacionadas à Pandemia do Covid-19: uma Revisão de Literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, [s. l.], v. 4, ed. 2, p. 8464-8477, 15 mar. 2021. DOI 10.34119/bjhrv4n2-367. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/viewFile/28287/22394>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PAIVA, Vera Silvia Facciolla. Psicologia na saúde: sociopsicológica ou psicossocial? Inovações do campo no contexto da resposta brasileira à AIDS. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 21, n. 3, p. 531-549, dez. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

389X2013000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.3-EE00-PT>.

PENA, M.; BACALLAO, J. — La obesidade en la pobreza : un problema emergente en las Américas, in PENA, M.; BACALLAO, J. — La obesidad en la pobreza : un nuevo reto para la salud publica. Washington : OPAS, 2000. (Publicación Científica, 576). 3-11. Disponível em <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2001.v10n2/45-78/es>. Acesso em 15 de maio de 2021.

PEREIRA, M. D.; OLIVEIRA, L. C. de; COSTA, C. F. T.; BEZERRA, C. M. de O.; PEREIRA, M. D.; SANTOS, C. K. A. dos; DANTAS, E. H. M. The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 7, p. e652974548, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4548. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4548>. Acesso em: 15 jun. 2021.

QUAIOTI, Teresa Cristina Bolzan; ALMEIDA, Sebastião de Sousa. Determinantes psicobiológicos do comportamento alimentar: uma ênfase em fatores ambientais que contribuem para a obesidade. **Psicologia USP**, [s. l.], v. 17, ed. 4, p. 193-211, 2006. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000400011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/vP9MWD5RRCrKFNmKwC5fSVS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2021.

SOARES ZUIN, Luís Fernando *et al.* Nutrire Rev Soc Bras Alimentação. **Alimentação é cultura: aspectos históricos e culturais que envolvem a alimentação e o ato de se alimentar**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 225-241, 2009. Disponível em: http://sban.cloudpanel.com.br/files/revistas_publicacoes/227.pdf. Acesso em: 1 jun. 2021.

SANTOS, Katarina Márcia Rodrigues dos et al. Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a pandemia da covid-19. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ean/a/DfmDPNnHcwnVymcDsHdc6hp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 20 de abril 2021.

SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., SILVA, Lucas N., DEMENECH, Lauro M.. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus COVID-19. *Estud. psicol. I Campinas*, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 de abril, 2021.

SILVA, Ribeiro, Rita de Cássia *et al.* Implicações da pandemia COVID-19 para a segurança alimentar e nutricional no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 1-10, 28 ago. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.22152020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mFBrPHcbPdQCPdsJYN4ncLy/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 maio 2021.

REIS, Ana Lúcia Pellegrini Pessoa dos; FERNANDES, Sônia Regina Pereira; GOMES, Almiralva Ferraz. Estresse e fatores psicossociais. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 712-725, Dec. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000400004&lng=en&nrm=iso>. access on 10 May 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000400004>.

Naves, Andréia, e Provenza Paschoal, Valéria Cristina, e "Regulação funcional da obesidade." *ConScientiae Saúde* 6, no. 1, 189-199. São Paulo, 2007. Acessado em 13 de junho de 2021. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=92960122>

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas**, p. 76-97, 2006.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SOUZA, Laura Vilela; SANTOS, Manoel Antônio dos. A construção de si em um grupo de apoio para pessoas com transtornos alimentares. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 4, p. 467-478, 2010.

VIANNA, Monica; NOVAES, Joana de Vilhena. COMPULSÃO ALIMENTAR: UMA LEITURA PSICANALÍTICA. **Polemica**, [s. l.], v. 19, ed. 2, p. 84-103, 2019. Disponível em: <file:///D:/47387-159188-2-PB.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

VASCONCELOS, C. S.D.S. et al. O Novo Coronavírus e os Impactos Psicológicos da Quarentena. **DESAFIOS-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 7, n. Especial-3, p. 75-80, 2020. Palmas, 2020.

Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/8816/16731>. Acesso em 15 de abril, 2021.

VERZTMEN, Julio e Romão-Dias, Daniela, Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19 . **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo. 2020, v. 23, n. 2, pp. 269-290. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>>. Epub 24 Jul 2020. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>. Acesso em 20 de abril, 2021.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Tematicas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 13 jun. 2021.

WERNECK, Guilherme Loureiro ; CARVALHO, Marília Sá . A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 36, n. 5, e00068820, Abr. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1036/a-pandemia-de-covid-19-no-brasil-chronica-de-uma-crise-sanitaria-anunciada>. acessos em 13 Jun.: 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00068820>.

APÊNDICE A – Questionário de Caracterização

- Nome –
- Idade –
- Gênero –
- Cidade/ Estado –
- Composição do Núcleo Familiar –
- Trabalho/ Ocupação –
- Estudos –
- Consumo de medicamento e/ou substâncias psicoativas –
- Acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico –
- Acompanhamento com nutricionista

APÊNDICE B – Questões Entrevista

1. Como tem sido a sua rotina ao longo do período de pandemia? Você observa mudanças se comparar com a que tinha antes? Caso sim, quais?
2. Como estão os seus relacionamentos interpessoais (familiares, afetivos, amizades)?
3. Como são os hábitos alimentares das pessoas as quais você convive atualmente?
4. Como você descreve a sua relação com a comida? Percebe alguma mudança após o início da pandemia?
5. Há quanto tempo possui diagnóstico de TCAP e como ocorreu o recebimento do diagnóstico?
6. Como você descreve as suas crises de compulsão alimentar e com qual frequência ocorrem? Ao longo da pandemia ocorreu alguma mudança na frequência? Caso sim, poderia descrever a respeito?
7. Quais são os gatilhos para os episódios de compulsão alimentar na sua experiência? Algo se modificou nesse sentido ao longo da pandemia?
8. Quais alimentos você tem mais dificuldade de controlar a ingestão?
9. Você consegue identificar/explicitar quais sentimentos estão mais presentes antes e após as crises?
10. Ao longo da pandemia você passou a perceber mudanças neste aspecto? Caso sim, poderia falar a respeito?
11. Como você percebe as consequências dos episódios de compulsão alimentar em sua vida? E atualmente, na pandemia, alguma coisa mudou quanto a estas consequências?
12. Como era o manejo do seu quadro de compulsão alimentar antes da pandemia? E agora?
13. Existe algo que não tenha sido perguntado e que você gostaria de perguntar ou enfatizar?

ANEXO A – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar de uma entrevista para a pesquisa intitulada “ASPECTOS PSICOSSOCIAIS RELACIONADOS À COMPULSÃO ALIMENTAR EM CONTEXTO DE PANDEMIA PELA COVID-19”, coordenada pela professora Dr^a Alessandra D’ávila Scherer do Curso de Psicologia da UNISUL PB e aplicada pela acadêmica Joane Desirée Berti Boamorte. O objetivo deste estudo é identificar quais os aspectos psicossociais relacionados à compulsão alimentar em contexto de pandemia pela COVID-19, buscando entender as variáveis atreladas ao diagnóstico, considerando o contexto atípico vivenciado no período de 2020 até o momento.

Riscos e Benefícios:

Essa entrevista não possui como objetivo incitar temas delicados que possam te constranger ou provocar sentimentos de angústia, entretanto, caso ocorra algum desconforto durante o processo, você poderá solicitar a interrupção do encontro, e a quebra do processo de pesquisa, restituindo todos os materiais coletados até então (exceto para pedidos tardios onde a pesquisa já tenha sido publicada, se for o caso, considerando o anonimato, o material não será descartado). Para assegurar sua integridade, caso você se sinta desconfortável e vulnerável, poderá contar com o acolhimento psicológico sob a responsabilidade de Dr^a Alessandra D’Ávila Scherer.

Sigilo, Anonimato e Privacidade:

O material e informações obtidas podem ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos, sem sua identificação.

A pesquisadora se responsabiliza pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição individualizada dos dados da pesquisa. Sua participação é voluntária e você terá a liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza.

Autonomia:

Você também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento. É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, e garantido o acesso às informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você também poderá entrar tirar dúvidas com a pesquisadora em qualquer etapa da entrevista, se surgirem dúvidas após o encontro, poderá contatar via e-mail, a partir dos contatos disponibilizados posteriormente.

Devolutiva dos resultados:

Os resultados da pesquisa poderão ser solicitados a partir de janeiro de 2022 e, caso você tenha interesse em receber os resultados gerais da pesquisa, basta enviar um e-mail para Joane.boamorte@unisul.br. Ressalta-se que os dados coletados nesta pesquisa poderão somente ser utilizados para as finalidades da presente pesquisa, sendo que para novos objetivos um novo TCLE deve ser aplicado.

Ressarcimento e Indenização:

Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar da entrevista para essa pesquisa. De igual forma, a participação na pesquisa não implica em gastos a você. Se ocorrer algum dano decorrente da sua participação na pesquisa, você será indenizado, conforme determina a lei.

Pesquisadora responsável: Dr^a Alessandra D'Avila Scherer.

E-mail para contato: alessandra.scherer@animaeducacao.com.br

Telefone para contato: (48)9 9156-8008

Acadêmica ministrante da pesquisa: Joane Desirée Berti Boamorte

E-mail para contato: joane.boamorte@unisul.br

Telefone para contato: (48)9 9649-4024

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante sejam respeitados, sempre se pautando pelas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O CEP tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Caso você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar

em contato com o Comitê de Ética da UNISUL pelo telefone (48) 3279-1036 entre segunda e sexta-feira das 13h às 17h e 30min.

Após ser esclarecido sobre as informações da pesquisa, poderemos prosseguir com a realização da entrevista.

